

## **ESTRATÉGIAS DE UMA ESCRITA PENTECOSTAL: A INICIATIVA DA AÇÃO EDUCATIVA DA REVISTA LIÇÕES BÍBLICAS DA ESCOLA DOMINICAL PARA CRIANÇAS (BRASIL, 1938 A 1939)**

SANDRA BATISTA DE ARAUJO SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO),  
ANA MARIA DE OLIVEIRA GALVÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS).

### **Resumo**

Esta comunicação tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que analisa o modo de apreensões das estratégias de produção escrita realizada pela ação educativa da Revista Lições Bíblicas – para crianças –, utilizada na prática religiosa denominada Escola Dominical, nas primeiras décadas de implantação da Igreja representante do Pentecostalismo Clássico no Brasil: a Assembléia de Deus. Tomamos como fundamentação teórico–metodológica os estudos sobre história da leitura e da escrita, particularmente alguns estudos realizados por Robert Darnton, Roger Chartier, Michel Certeau, Harvey J. Graff, Antonio Viñao Frago e Umberto Eco. Neste texto utilizamos como fontes primordiais as edições da Revista Lições Bíblicas de 1938 a 1939, período em que a revista teve a iniciativa de inserir as crianças nas discussões que promovia, pois de 1930 até o primeiro semestre de 1938 o público visado pela Revista era apenas o adulto. Assim, questionamo–nos: que fatores foram importantes e decisivos para a iniciativa de inserção de um público infantil na ação educativa da revista? Que estratégias de produção escrita e do suporte material foram realizadas? Essas são algumas perguntas que buscamos responder na pesquisa. Os resultados parciais demonstram que nos primeiros anos de existência da revista Lições Bíblicas, o público infantil pentecostal começava a ter um crescimento significativo no contexto da Escola Dominical, no entanto, parece tratar–se de um público desconsiderado pela revista ao longo de quase oito anos de existência. Assim, parece que a iniciativa da revista foi influenciada pelos professores da Escola Dominical que solicitavam aos editores/comentadores a necessidade de meios (ou estratégias textuais) para inserirem, ou seja, envolverem as crianças nas discussões, pois sentiam dificuldades de ensiná–las. Dessa forma, foi inserido na revista um tópico intitulado “comentário para as crianças”, escrito por filhas de pastores de origem estrangeira em forma de narrativa e numa linguagem direcionada às crianças.

### **Palavras-chave:**

crianças pentecostais, impressos pentecostais, história da leitura e da escrita.

O relatório do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2005[1] apresenta indícios de um tipo de leitor - **o leitor da bíblia e/ou de livros sagrados ou materiais religiosos** -, dentre outros, que estava (e ainda está) cada vez mais se evidenciando na realidade brasileira. Acreditamos tratar-se de um tipo de leitor que veio (vem) se constituindo ao longo do tempo e que realiza a leitura de materiais escritos religiosos associados a uma pertença religiosa.

Segundo Batista & Ribeiro (2004:89 - grifos nosso), "a pertença religiosa parece ser uma importante condição social de acesso a níveis mais altos de alfabetismo (*funcional, nesse caso*), independente da duração da escolarização". Trata-se, portanto, de uma variável importante, dentre outras, que merece ser investigada, principalmente por estudos de natureza histórica, fundamentados nos pressupostos da história cultural, particularmente na história da leitura e da escrita.

Supomos que a pertença religiosa, - especificamente a religiosidade pentecostal clássica no Brasil, representada pela Igreja Assembléia de Deus[2], no

caso de nosso estudo -, possui especificidades nas suas ações educativas ao longo do tempo e do espaço, relacionadas a práticas de leitura e de escrita. Essa hipótese se reforça quando comparamos a Assembléia de Deus com outras religiosidades (ou igrejas), como, por exemplo, as protestantes históricas (presbiterianas, metodistas, luteranas, batistas, etc), mas também com a outra igreja pentecostal clássica, a Congregação Cristã no Brasil, embora pertençam ao mesmo campo religioso - o pentecostalismo (Rolim, 1987).

De acordo com Freston (1993), o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação dessas Igrejas. A primeira onda pentecostal compreenderia as décadas de 1910 a 1940, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã no Brasil (1910) e da Assembléia de Deus (1911). A Igreja Assembléia de Deus foi fundada em 1911, por dois imigrantes de origem sueca, Gunnar Vingren e Daniel Berg, vindos dos Estados Unidos para a região Norte do Brasil (inicialmente Belém, no Pará no início do século XX. A Assembléia de Deus foi fundada num lugar onde já se encontravam igrejas protestantes históricas[3], de cunho proselitista, como os batistas e os presbiterianos (Rolim, 1985), e foi a partir de uma cisão entre os missionários suecos e os líderes da igreja batista local que a igreja foi fundada. Houve duas versões sobre os motivos da cisão, porém prevaleceu a versão de que os suecos haviam sido expulsos por acreditarem e pregarem o batismo com Espírito Santo como evidência de santificação dos membros, a partir da glossolalia (o falar em línguas estranhas) e a difusão da "leitura da bíblia, principalmente a parte referente ao Pentecoste" (Idem, 1985:40) - que a igreja foi fundada.

De acordo com Rolim (1985), a pregação pentecostal e a leitura da bíblia eram o que mais atraía e prendia a curiosidade dos novos adeptos. Segundo o autor (1987:42 - grifos nossos), "egressos em grande maioria do catolicismo popular, abundante em rezas e devoção aos santos, pedidos de proteção e promessas, os novos adeptos (*da Assembléia de Deus*) criaram um espaço religioso, onde reinavam maior convivência e participação coletiva", como também viam "gente simples lendo ou contando para ele episódios da bíblia".

Assim, ao lado da bíblia, outros materiais escritos, como a revista *Lições Bíblicas*, também eram importantes para realização de outras ações da igreja. A revista foi lançada em 1930 no Rio de Janeiro/RJ; a decisão de publicá-la foi apresentada na convenção de geral de líderes da Igreja Assembléias de Deus realizada em Natal, no Rio Grande do Norte naquele mesmo ano. A revista *Lições Bíblicas* era publicada regularmente e semestralmente nos primeiros anos de sua existência. Particularmente, no período de 1930 a 1938 (primeiro semestre) a revista focalizava apenas o público adulto das escolas dominicais das assembléias de Deus no Brasil.

Nesta comunicação, pretendemos apresentar resultados parciais de uma pesquisa que tem como objetivo apreender as estratégias de produção escrita realizada pela ação educativa da revista *Lições Bíblicas*, utilizada na Escola Dominical, nas primeiras décadas de implantação da Igreja representante do Pentecostalismo Clássico no Brasil: a Assembléia de Deus. Assim, questionamos: que fatores foram importantes e decisivos para a iniciativa de inserção de um público infantil na ação educativa da revista? Que estratégias de produção escrita e do suporte material foram realizadas? Essas são algumas perguntas que buscamos responder na pesquisa.

Neste texto utilizamos como fontes primordiais as revistas *Lições Bíblicas* de 1938 a 1939 - período em que a revista teve a iniciativa de inserir as crianças nas discussões que promovia. No entanto, também utilizamos outras fontes como o

jornal Mensageiro da Paz e livros publicados pela igreja como o dicionário pentecostal[4] (com biografias, entre outros assuntos). Essas fontes foram localizadas na editora da igreja AD - a Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD) e na Biblioteca Nacional, ambas situadas no Rio de Janeiro/RJ.

### **Estrutura da Revista Lições Bíblicas no período de 1938 a 1939.**

A revista Lições Bíblicas do período de 1938 a 1939 apresenta, em linhas gerais, um total aproximado de 12 lições que correspondem ao período de um trimestre - aproximadamente 4 ou 5 lições por mês (anexo 1). Trata-se, portanto, de uma lição (ou texto) por semana que deveria ser estudada (lida) durante a semana - um tipo de leitura individual, e depois socializada no domingo da escola dominical - um tipo de leitura coletiva. Segundo Chartier (1999), a materialidade do livro é portadora de sentido na relação com o leitor, na medida em que possibilita ao sujeito determinadas atitudes mediadas por essa mesma materialidade. A prática de leitura é permeada pela materialidade, pois ela convida o leitor a respeitar as intenções do livro e determina em parte sua estratégia.

A lição da semana apresenta uma estrutura em forma de narrativa chamada *Resumo da lição*, que aparece dividido em, em média, aproximadamente, 4 ou 5 trechos (varia de um semestre para o outro) nos quais o comentador/autor comenta, os assuntos dos trechos da lição daquela semana. O trecho *Resumo da lição* aparece com letra em caixa alta e é direcionado ao público adulto, pois há registrado logo abaixo outro trecho intitulado *Comentário para crianças*, que apresenta essa mesma estratégia gráfica, no entanto os textos de ambos os trechos se diferenciam nas estratégias linguísticas, estéticas e discursivas para, possivelmente, conseguirem exercer um certo poder simbólico sobre os leitores do texto - é a nossa hipótese, ou seja, para convencerem o leitor a acreditar ou fazer algo.

Antes do início dos trechos do resumo da lição bíblica, há uma listagem dos títulos de cada trecho do resumo em forma de frases com a respectiva referência bíblica ao lado que está registrada com outro tipo de letra (anexo 2). Esta estratégia gráfica parece ter o objetivo de orientar o sentido da leitura do texto, como também de servir de mediadora entre o texto do resumo da lição e a respectiva bíblica. Funciona, portanto, como um protocolo de leitura (Scholes, s.d.).

Na lição bíblica da semana aparecem o título da lição, a data que deveria ser estudada, o objetivo ou alvo da lição, uma listagem de "leituras diárias", ou seja, de referências bíblicas para cada dia da semana, e a transcrição de partes de capítulos de livros da bíblia com um título logo acima, o que parece demonstrar um certo controle da leitura realizado pelo preparador e pelo comentador da revista. As revistas do segundo semestre de 1938, bem como dos dois semestres de 1939 eram preparadas pelos missionários suecos Nils Kastberg e Samuel Nyström, respectivamente. O trecho intitulado *Comentário para crianças*, particularmente do segundo semestre de 1938, foi primeiramente preparado por Jahn I. Sørheim, missionário norueguês, que participou da chamada "Missão sueca" pentecostal. Tratava-se de um pastor e músico (maestro e compositor) que era braço direito de Samuel Nyström, ou seja, um comentador diretamente ligado ao líder da igreja AD no Brasil no período.

Por razões ainda desconhecidas na pesquisa, o trecho *Comentário para crianças* dos dois semestres da revista de 1939 passaram a ser comentados por mulheres brasileiras. Tratava-se de Cacilda Brito e Nair Barata Soares. A primeira,

filha de pais portugueses e ex-católicos, escrevia artigos nos jornais da igreja como o Boa Semente e o Mensageiro da Paz, assim como alguns de seus irmãos e seu marido que se tornaram pastores da Assembléia de Deus. A última era professora antes de se converter à igreja e seu marido foi dos fundadores da Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD), tendo assinado o estatuto registrado em 13 de março de 1940. (Araujo, 2007). Ao que parece, a revista era produzida por um grupo de pessoas (missionários estrangeiros e mulheres brasileiras que pareciam participar de uma rede de sociabilidade formada pelos missionários estrangeiros e por pastores brasileiros) que direcionavam (orientavam e, de certa forma, controlavam) a leitura do texto da revista.

### **Estratégias para um público desconsiderado: as crianças nas escolas dominicais**

Foi na sétima reunião da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB), uma espécie de conclave que reunia missionários, pastores e líderes leigos criada em 1930, realizada em 14 de outubro de 1937, em São Paulo, que, segundo o jornal Mensageiro da Paz da 1ª quinzena de 1937, um líder sugeriu a criação de uma revista para o público infantil. O público de crianças estava cada vez mais crescente na igreja (anexo 4), particularmente na Escola Dominical. Parecia necessário, naquele contexto histórico, ou seja, em meio a profundas transformações no campo político, social, educacional e religioso no Brasil, com o estabelecimento formal do Estado Novo, um material pensado pela CGADB que exercesse um tipo de ação educativa sobre as crianças pentecostais:

"Ata da 7ª Reunião Convencional

(...)

Às 8.30 da manhã do dia 14 de outubro de 1937 (...) Foi ventilado, em seguida, a seguinte pergunta do irmão Hely Martins: 'NÃO SERIA ÚTIL, A IMPRESSÃO DE UMA REVISTA, MAIS FÁCIL PARA AS CRIANÇAS? Vários irmãos falaram sobre este assunto, mostrando todos que, em realidade, isto é umas das grandes necessidades; mas, esgotando-se a hora, foi finda a 7ª reunião convencional.

(...)

Ata da 8ª Reunião Convencional.

(...)

Às 14.30 da tarde do dia 14 de outubro de 1937 (...) foram iniciados os assuntos convencionais, estando em debate o tema: 'NÃO SERIA ÚTIL, A IMPRESSÃO DE UMA REVISTA, MAIS FÁCIL PARA AS CRIANÇAS' (...). Ventilamos bastante tais considerações, tendo a convenção deliberado o seguinte: 'que fosse incluído, nessa mesma revista que usamos nas Escolas Dominicais, um comentário para as crianças, trabalho este de quem foi encarregado o irmão Jahn Sörheim; mas, isso só será iniciado para o segundo semestre do ano vindouro, pois, explicou-nos o irmão Kastberg de que a revista para o próximo semestre de 1938, já estava em preparação. A convenção em unanimidade, aprovou tal assunto. (...)

(Fonte: CPAD, Mensageiro da Paz. Ano VII, Num 23, 1ª quinzena de 1937. p. 5)

A estratégia sugerida foi a inclusão de um trecho denominado *Comentário para as crianças* no segundo semestre de 1938 na mesma revista destinada e utilizada pelos adultos pentecostais nas escolas dominicais. O documento limita-se a narrar o fato da aprovação da decisão que ocorreu na 8ª reunião da convenção, assim não sabemos que discussões influenciaram essa decisão. O que podemos inferir é que, talvez, as razões tenham sido o crescimento significativo do público infantil, a dificuldade dos professores (mediadores da revista) da escola dominical de lidar com esse público (como adverte o futuro editor da revista Emílio Conde, numa matéria do jornal Mensageiro da Paz de 1942) ou a consciência dos líderes da CGADB de que tratava-se de um público diferente que precisava ser contemplado pela revista numa linguagem mais adequada a sua fase de vida. Assim, essa estratégia de produção escrita representava uma evidência de certa distinção do mundo adulto, embora a preocupação central da atitude da Igreja em relação às crianças (e aos adultos também, por isso a inclusão do trecho no texto da mesma revista) era, talvez, com a salvação e a moralização desse público cristão. Parece que foi a partir da inclusão desse trecho destinado ao público infantil que houve uma certa "demarcação geracional" (Veiga, 2004:43) dos públicos da revista *Lições Bíblicas*.

### **As estratégias de produção escrita: analisando a materialidade de um texto do trecho "comentário para crianças"**

Segundo Viñao Frago (1993), é relevante considerar o aspecto "ideológico-cultural-proselitista" da religiosidade para interpretar, no caso de nosso estudo, a igreja Assembléia de Deus em relação ao agente e ao modo de atuação relacionada, por exemplo, a processos de alfabetização. De acordo com Chartier (2001), segundo estudos recentes sobre o Luteranismo, por exemplo, "a Bíblia não era o livro de cada um: era o livro do pastor, o livro dos candidatos a preceptores eclesiásticos, ou o livro da paróquia ou do templo." Segundo ele, o fundamental era "a mediação do catecismo entre o texto sagrado e a interpretação dos fieis." (p.23) Graff (1994:198) afirma que "a instrução de leitura que enfocava a bíblia e o catecismo através, por exemplo, da memória e da aprendizagem mecânica não sugere necessariamente que o leitor fluente compreendesse muito do que ele ou ela anunciava".

No entanto, segundo Abreu (2003), os comandos linguísticos e estéticos inscritos no texto por um autor a fim de produzir certa leitura são muito relevantes, pois as respostas do leitor, mesmo variadas, sobre o texto lido partem de "dispositivos textuais operados pelo autor com a finalidade de levar o leitor a ler de certa forma". (Idem, 2003:9) De acordo com Eco (2008), o autor preverá um "leitor-modelo" que precisa ter a capacidade de cooperar para a atualização textual como ele - autor - presumia; e também precisa ser capaz de se movimentar interpretativamente em conformidade com o modo como o autor se movimentou gerativamente. Assim, Eco (Idem) afirma que prever um leitor-modelo não é simplesmente esperar que exista um leitor com certas competências, disposições e códigos culturais, mas é também formá-lo.

A seguir analisamos a materialidade de um texto de um *Comentário para crianças* da lição *Jesus no lar* do II Semestre de 1938 da revista *Lições Bíblicas*, cujo objetivo e alvo do semestre era o estudo da vida dos profetas (anexo 5).

Ao analisarmos o título do trecho da lição, percebemos que ele está diretamente associado a uma "fala" do comentador que é direcionada ao tipo de

público que pretende "convencer" ou "formar", no caso, o público infantil, como observamos a seguir:

#### "COMENTÁRIO PARA AS CRIANÇAS

Hoje, vamos vêr o procedimento de Jesús, quando menino."

A primeira frase do texto parece apresentar uma "função didática" (Eco, 2008). O comentador dirige a atenção do leitor para elementos que considera importantes, como, por exemplo, o momento da "leitura", quando enfatiza a expressão "hoje"; o modelo de procedimento moral a ser observado pelo leitor, representado pela figura de "Jesus"; e o foco na fase infantil de sua vida, ao ressaltar a expressão "quando menino".

No trecho seguinte (situado logo abaixo) procura conduzir o leitor para fazer uma associação entre palavras como obediência/saúde e desobediência/doença, ou seja, usa essas associações com a intenção de evidenciar uma relação direta entre causa e consequência, como podemos observar no trecho a seguir:

"Ele crescia, tinha saúde. Saúde é uma bênção de Deus. Também, é certo que Sua mãe cuidava d'Ele, pois que, também a obedecia, em tudo. Quantos meninos ficam doentes, só porque não obedecem aos seus pais! Quando faz frio e a mamãe diz que se devem agasalhar, eles se descuidam, e, depois, vem a doença, como resultado da desobediência."

Na expressão "...que Sua mãe cuidava d'Ele...", situada no trecho acima, podemos observar dois recursos para chamar a atenção do leitor: o primeiro, trata-se da escrita do pronome pessoal "Sua" e da contração entre a preposição "de" com o pronome "Ele", localizados no meio da frase, como letras iniciais maiúsculas. Assim, parece que o objetivo é fazer o leitor perceber que não se está falando de uma pessoa qualquer, mas, sim, de uma pessoa muito importante, nesse caso, de Jesús. É uma estratégia linguística que parece querer provocar um efeito no leitor. Um segundo recurso é a afirmação da condição física como uma dádiva do divino, como, por exemplo, quando o comentador afirma "Saúde é uma benção de Deus"; contudo, ao comentar, usa uma frase exclamativa decorrente de uma possível frustração ou alerta por uma conduta considerada não adequada, quando ressalta "...só porque não obedecem aos seus pais!". O uso de frases afirmativas e exclamativas são recursos usados pelo comentador que favorecem um diálogo do comentador com o leitor por meio do texto, cuja pretensão parece ser a inculcação de alguns valores morais nas crianças leitoras.

No trecho abaixo (continuação do trecho anterior) percebemos uma nova ênfase nos valores morais cristãos, por meio de uma associação que o autor realiza entre as palavras sabedoria/estudar/sagradas escrituras. O autor utiliza a expressão "Sagradas Escrituras" com as letras iniciais maiúsculas, talvez para chamar a atenção do leitor para um tipo de leitura considerada muito importante que deveria ser estudada (lida) pelo público infantil. Os escribas eram pessoas especialistas nas escrituras (conheciam profundamente as leis e as escrituras

porque escreviam, liam e as interpretavam), assim o comentador utiliza o exemplo dos escribas como um modelo de estudioso (ou de escritor/leitor) que não foi temido pelo personagem de Jesús, mesmo sendo ainda criança. O argumento que sustenta a sua convicção e, conseqüentemente, o seu poder de convencimento do leitor é a expressão "...sabia muito bem...", como podemos observar no trecho logo abaixo:

"Ele se foi enchendo de sabedoria, estudava a palavra de Deus, pois vemos que, quando estava no templo, entre os escribas, sabia muito bem as Sagradas Escrituras."

No trecho seguinte o comentador utiliza um recurso interessante para convencer o leitor: um tipo de leitura identificatória. Isto acontece quando afirma que os seus "leitores implícitos" (Eco, 2008), por meio da expressão "menino e menina", deveriam imitar a leitura dos "escribas". Parece que o leitor infantil precisava "assimilar" o exemplo dos escribas, ou seja, "tornar-se semelhante àquilo que se absorve" (Certeau, 1994:261). Além disso, o comentador se vale da censura através de uma negação enfática a alguns tipos de leitura, como, por exemplo, os romances, considerado por ele uma leitura prejudicial, dentre outras, que deveriam ser substituídas pela leitura da bíblia. Na frase seguinte a leitura da bíblia é reforçada de forma enfática, mas o comentador parece permitir certa liberdade do leitor no sentido de realizar outras leituras além da bíblia, quando enfatiza "...deve estar em primeiro lugar, também", como podemos observar no trecho abaixo:

"Isto deve cada menino e menina fazer: procurar ler bastante a palavra de Deus, e não romances e outras leituras prejudiciais. A Bíblia deve sempre estar em primeiro lugar, também."

No trecho abaixo o comentador dá ênfase a ética religiosa ou o estilo de vida (Weber, 2001) que incluía uma "leitura intensiva" (Darnton, 1992) da bíblia como uma das regras de fé que deveria ser praticada pelo leitor infantil, quando utiliza uma afirmação "Aqui temos uma lição importante" e, posteriormente, uma frase condicional "Se andarmos como Deus quer":

"A graça de Deus estava sobre Ele. Aqui temos uma lição importante, sobre o nosso modo de viver. Se andamos retamente como Deus quer, então, a Sua graça virá sobre nós, em abundância." (Fonte: CPAD. Revista Lições Bíblicas. II Semestre de 1938. Jesus no lar. Domingo, 25 de janeiro. p.71 e 72)

O comentador utiliza mais uma vez um tipo de leitura identificatória quando compara a "graça" que seria recebida pelo leitor com a que foi recebida pelo personagem representado por Jesús - exemplo que deveria e poderia ser

imitado em tudo pela criança na obediência, mas também na leitura (estudo) das Escrituras Sagradas.

### **Considerações Finais**

Os resultados parciais demonstram que nos primeiros anos de existência da revista Lições Bíblicas o público infantil pentecostal começava a ter um crescimento significativo no contexto da Escola Dominical, no entanto parece tratar-se de um público desconsiderado pela revista ao longo de quase oito anos de existência. Assim, parece que a iniciativa da revista foi influenciada pelos professores da Escola Dominical que solicitavam aos editores/comentadores a necessidade de meios (ou estratégias textuais e discursivas) para inserirem, ou seja, envolverem as crianças nas discussões, pois sentiam dificuldades de ensiná-las. Dessa forma, foi inserido na revista um tópico intitulado *Comentário para as crianças*, que passou a ser escrito por mulheres filhas ou esposa de pastores em forma de narrativa e numa linguagem direcionada às crianças manifestada em expressões que propiciavam um diálogo entre o comentador e o leitor.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, Márcia. História dos textos, história dos livros e história das práticas culturais - ou, uma outra revolução da leitura. In: CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das letras; ALB, 2003. p.07-15.

ARAUJO, Isael. **Dicionário do Movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BATISTA, Antonio Augusto; RIBEIRO, Vera masagão. Cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção. **Educação e realidade**, v.29, n.2, jul/dez 2004, p.89-124.

CERTEAU, Michel de. Leitura uma operação de caça In: \_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.259-273.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1999.

DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual paulista, 1992. P.199-235.

ECO, Humberto. O leitor-modelo. In: **Lector in fabula**. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. 2. Ed. São Pualo: Perspectiva, 2008. p.35-49.

VEIGA, Cynthia Greive. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. **A infância e sua educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.35-82



FRESTON, Paul. Breve histórico do protestantismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem anjos, nem demônios**. Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed Vozes, CERIS: 1994. p.67-159.

GRAFF, Harvey J. **Os labirintos da alfabetização**: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

INSTITUTO PAULO MOTENEGRO; AÇÃO EDUCATIVA. 5º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. Um diagnóstico para a inclusão social pela educação. avaliação de leitura e escrita. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/inaf05.pdf> Acesso em: 02 outubro de 2008.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é pentecostalismo?** Coleção Primeiros passos. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 260p.

SCHOLES, Robert. **Protocolos de leitura**. Lisboa: Edições 70, s.d.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Vinicius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2001. 257p.

---

[1] Em 2004, o INAF era a única iniciativa de medição do alfabetismo ou do letramento da população brasileira adulta em nível nacional existente no Brasil. A pesquisa é realizada por meio de amostras representativas da população brasileira de 15 a 64 anos. Ver, Batista & Ribeiro (2004).

[2] A Congregação Cristã no Brasil é considerada a segunda maior Igreja representante do pentecostalismo "clássico", em se tratando de números de adeptos e em expansão em solo brasileiro ao longo do tempo, se comparada com a Igreja Assembléia de Deus. Foi fundada pelo imigrante italiano Luigui Francescon em São Paulo em 1910.

[3] Circunstância também experienciada pela igreja Congregação Cristão no Brasil que foi iniciada na região Sudeste do país.

[4] Esta é uma publicação recente da igreja que pode ser adquirida nas lojas da editora CPAD.

## Anexo 1

<b>Anexo 1 – QUANTIDADE DE LIÇÕES POR REVISTA*</b>							
<b>REVISTA LIÇÕES BÍBLICAS / TOTAL DE LIÇÕES POR MÊS</b>	<i>JAN</i>	<i>FEV</i>	<i>MAR</i>	<i>ABR</i>	<i>MAI</i>	<i>JUN</i>	<b>TOTAL DE LIÇÕES POR REVISTA</b>
II semestre de 1938 (destinada a adultos e crianças)	5	4	4	5	4	4	26
<b>REVISTA LIÇÕES BÍBLICAS / TOTAL DE LIÇÕES POR MÊS</b>	<i>JUL</i>	<i>AGO</i>	<i>SET</i>	<i>OUT</i>	<i>NOV</i>	<i>DEZ</i>	<b>TOTAL DE LIÇÕES POR REVISTA</b>
I semestre de 1939 (destinada a adultos e crianças)	5	4	4	4	4	4	25
II semestre de 1939 (destinada a adultos e crianças)	5	4	4	4	4	4	26

\*Fonte: CPAD. Lições Bíblicas do I semestres de 1938 e I e II semestres de 1939.

## Anexo 2

<b>Anexo 2 - LEITURAS BÍBLICAS DIÁRIAS**</b>			
<b>Dia</b>	<b>Data</b>	<b>Temática</b>	<b>Referência Bíblica</b>
Domingo	19	Moços criminosos	1º Sam. 2:11-17
Segunda	20	Um moço que serve a Deus	1º Sam. 2:18-20
Terça	21	Samuel cresce, para o bem	1º Sam. 2:22-26
Quarta	22	Fala o Senhor	1º Sam. 3:1-14
Quinta	23	Usado pelo Senhor	1º Sam. 3:19-21
Sexta	24	O fim triste dos filhos desobedientes	1º Sam. 4:10-18

\*\*Fonte: CPAD. Revista Lições Bíblicas. II Semestre de 1938. Jesus no lar. Domingo, 25 de janeiro. p.

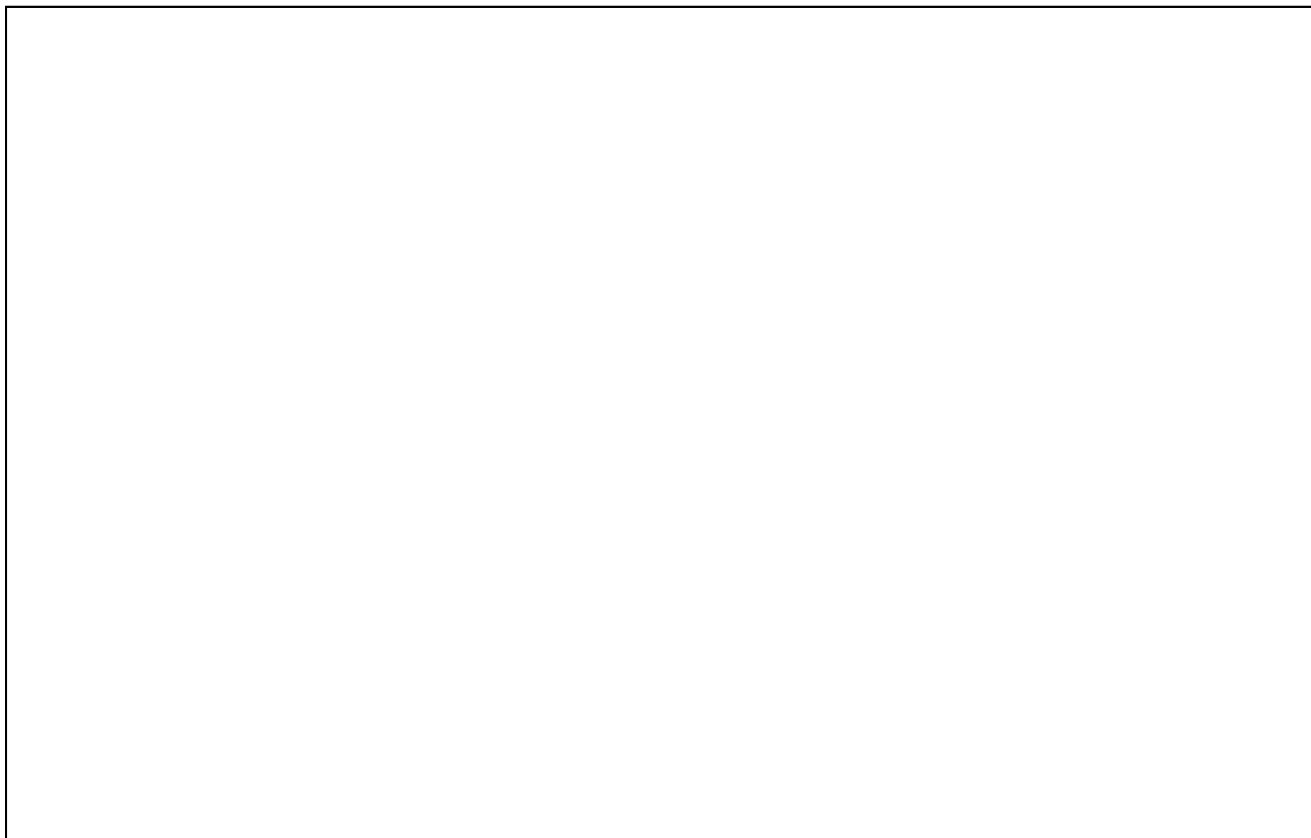
### Anexo 3

<b>Anexo 3 - TIRAGEM, PREÇO, FORMA DE AQUISIÇÃO DA REVISTA LB***</b>					
<b>Ano</b>	<b>Tiragem da revista LB</b>	<b>Preço da revista LB</b>	<b>Forma de acesso</b>	<b>Condições previstas de aquisição e pagamento da revista</b>	<b>Circulação/ Abrangência prevista</b>
1938	Aumento de 4.000 exemplares (para 14.000 exemplares por semestre)	1000 réis (cada exemplar)	Samuel Nyström Caixa 2277 Rio de Janeiro	10% de desconto para compras acima de 10 exemplares (dentro do prazo de três meses para pagamento)	Todas as ADs no Brasil
1939	14.000 exemplares (mais 1.500 exemplares por semestre)	1000 réis (cada exemplar)	Samuel Nyström Caixa 2277 Rio de Janeiro	10% de desconto para compras acima de 10 exemplares (dentro do prazo de três meses para pagamento)	Todas as ADs no Brasil
OBS:	*Revista publicada semestralmente				

\*\*\*Fonte: CPAD. Mensageiro da Paz dos anos de 1938 a 1939.

## **Anexo 4**

**ANEXO 4 – FOTO DE MATÉRIA SOBRE “CONCENTRAÇÃO DAS ESCOLAS DOMINICAIS DO DISTRITO FEDERAL, NILÓPOLIS, NITERÓI E BELFORT RÔXO” \*\*\*\***



\*\*\*\*Fonte: CPAD. Mensageiro da Paz. AnoIX , Num 18, 2ª quinzena de 1939 . p.4 e 5.

## Anexo 5

<b>Anexo 5– TEMA E ALVO DO SEMESTRE*****</b>		
<b>Revista/Período</b>	<b>Tema</b>	<b>Alvo</b>
II semestre de 1938	“Ainda a continuação dos estudos do III trimestre.”, ou seja, “Estudos a respeito das vidas dos profetas e da do povo D’Israel.”	“Continuação do estudo sobre o povo D’Israel afim de se conhecer o amor e a justiça de Deus, para com Seu povo.”
I e II semestre de 1939	“A vida e a obra de Jesus e seus seguidores.”	“Estudar a respeito da vida, poder, maravilhas, e perfeição de Jesús, aprendendo d’Ele, Mestre dos mestres. Mat 11.29. Estudar também a vida dos seguidores de Jesús, aprendendo deles, o que para nós e nossa vida espiritual for útil. ‘ Alei do Senhor é perfeita e refrigera a alma: o testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos símplices. Sal. 19.7.”

\*\*\*\*\* Fonte: CPAD. Revistas Lições Bíblicas. I semestre de 1938 e I e II semestres de 1939.